



DO LAZER ENCARCERADO AOS ESPAÇOS DE DESENCONTROS: UM ESTUDO EM DUAS PRAÇAS DE ALTAMIRA-PA¹.

Francivaldo José da Conceição Mendes

Universidade Federal do Pará (UFPA), francivaldo.edfisica@gmail.com

José Queiroz de Miranda Neto

Universidade Federal do Pará (UFPA), geoneto@msn.com

Christianne Luce Gomes

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), chrislucegomesufmg@gmail.com

Márcio Douglas Brito Amaral

Universidade Federal do Pará (UFPA), marcioamaral29@gmail.com

RESUMO

Este trabalho objetiva discutir a concepção e o uso de duas praças públicas localizadas em Altamira-PA. A ambiência desses espaços de lazer propicia o encontro, ou segue uma perspectiva racionalizadora? Qual lógica subsiste no cotidiano dessas praças? A metodologia, de abordagem qualitativa, consistiu em pesquisa de campo, com observação sistemática acerca da dinâmica cotidiana desses espaços. Dialogando com Lefebvre e outros autores, os resultados realçaram a racionalidade com que o ente municipal institui e mantém esses espaços, como também as estratégias de apropriação e uso desses locais pelos sujeitos.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer; Espaço; Praças Públicas; Altamira-PA.

INTRODUÇÃO

Os espaços públicos de uma cidade são elementos fundamentais à sociabilidade, à qualidade de vida e ao lazer. Ao nos referirmos ao espaço, convém afirmarmos não se tratar apenas de uma dimensão geométrica, isto é, o espaço não existe a priori, é produzido socialmente². Desse modo, conforme Lefebvre (1974), espaço

1 O presente texto não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

2 Para Lefebvre (2001, p. 118), "o espaço não se trata de um produto como qualquer outro, nem um objeto, coisa, mercadoria ou a soma delas. Tampouco se trata de um instrumento, mas sim do mais importante dos instrumentos, o pressuposto de toda produção e de todo intercâmbio"

deve ser compreendido como condição, meio e finalidade da vida humana ou, nas palavras de Santos (1977), uma “*instância social*”.

A tendência da produção do espaço na ordem capitalista suscita a racionalização das formas-conteúdo, das práticas insurgentes, nelas incluídas o lazer. Todavia, o espaço urbano expressa resíduos e efemeridades. São as práticas não capturadas por esse ideário abstrato e dominador³.

Lefebvre (2001, p. 22) sugere que a vida urbana “pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos ‘padrões’ que coexistem na Cidade”. Os espaços públicos, como as ruas, as praças e monumentos são lugares que remetem ao encontro, expressam conversas, festas, gestos e teatralizações espontâneas que suscitam uma linguagem urbana. Porém, quando esse espaço é concebido a partir de uma visão de fora, geralmente favorece um relativo fechamento e uma indiferença, culminando no que aqui denominamos “espaços de desencontro”.

Assim, este trabalho objetiva discutir a concepção e o uso de duas praças públicas localizadas em Altamira-PA. Será que a ambiência desses espaços públicos de lazer propicia o encontro, ou segue uma perspectiva racionalizadora? Qual lógica subsiste no cotidiano dessas praças? A busca de respostas para essas questões será guiada pelos fundamentos expostos a seguir.

REFERENCIAL TEÓRICO

Lefebvre (1974) realizou reiteradas críticas a determinadas estruturas do Estado que, operando a partir de uma lógica hegemônica, produz espaços hegemônicos. O autor ajuda-nos a compreender como se estrutura uma cidade capitalista e, sobretudo, como o espaço é (re)produzido. A partir dessa mediação teórica, o lazer pode ser considerado como um importante nexos da (re)produção do espaço. Nesse contexto, o espaço da cidade incorpora a materialidade do pensamento capitalista ou, nas palavras de Carlos (2011), uma “mercadoria”.

Essa realidade torna comum padrões que atomizam o sujeito e coisifica suas relações. Citando Bauman (2001), Ferreira (2005, p. 19), denomina essa realidade de “*espaço público não-civil*”, no qual os indivíduos compartilham espaços, mas não interagem entre si. Em geral, essa realidade particular e atomizada deriva de uma concepção que considera as cidades brasileiras como violentas e inseguras. De maneira ensimesmada, assistimos a estratégias quase sempre sem efetividade, como é o caso do crescente número de condomínios fechados e seus sistemas de vigilância em tempo integral.

Esse padrão, criado e gerido na dinâmica da ordem capitalista, insere o espaço como uma totalidade global destituída de possibilidades divergentes. Trata-se de uma lógica unidimensional, cujas premissas devem ser aplicadas e seguidas do local ao global.

³ Em Lefebvre (1974) a noção de espaço vivido, espaço concebido, espaço percebido constituem três dimensões distintas da produção social do espaço.



Souza (2005), ao discutir os sentidos dos espaços públicos, destaca a existência de assimetrias entre a prática cotidiana e o real sentido desses espaços. Isso porque, em grande medida, os espaços públicos herdaram, quando da sua concepção, uma dimensão disciplinarizadora que repercute nas relações das pessoas no plano cotidiano. Para essa autora, há uma centralidade dos espaços privados, alimentados por uma concepção crescente de relações particulares.

Visto dessa forma, infere-se que, por uma conjunção de fatores, os espaços públicos são esvaziados do seu real sentido: integrar pelo lazer. Assim, o uso inadequado dos espaços, ou uma gestão eminentemente racional, pode contribuir para uma cultura que privilegie o ambiente fechado, remetendo ao espaço público uma visão de insegurança, de ineficácia. Será essa a realidade predominante em duas praças públicas de Altamira, no Pará?

METODOLOGIA

Considerando os fundamentos apresentados anteriormente, este estudo integra uma pesquisa de abordagem qualitativa, mais abrangente, aprovada pelo CONEP (CAAE: 43998321.5.0000.0018). A partir de uma pesquisa de campo, com observações e registros fotográficos, esta investigação focaliza dois espaços em Altamira/PA: a praça da Independência (requalificada no ano de 2015) e a praça Glauco Meireles (construída no ano de 2019).

Os registros fotográficos evidenciaram as maneiras pelas quais as formas urbanas favorecem ou restringem práticas de lazer, possibilitando identificar práticas insurgentes a uma lógica racional. A observação sistemática, detalhada a seguir, ocorreu entre setembro e dezembro de 2019, sempre às sextas-feiras, sábados e domingos à noite, de 19h às 21h, possibilitando-nos compreender a dinâmica de uso dessas praças, especialmente em relação ao fluxo de usuários nos horários mencionados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A praça da Independência, localizada no bairro esplanada do Xingu, foi requalificada pela Prefeitura Municipal em 2015⁴. Nesse processo, foram instaladas grades que em certos pontos ultrapassam cinco metros de altura, além do sistema de monitoramento por câmera 24 horas.

A praça Glauco Meireles, construída em 2019, localiza-se no bairro centro e encontra-se de frente para o rio Xingu. Ainda que em dimensões menores, se comparada à praça da Independência, as características estruturais seguem quase que na totalidade às da primeira, com destaque para placas que alertam o início e término do seu funcionamento: das 06 às 23 horas. Soma-se a isso, diversas câmeras de monitoramento dispostas pelo ambiente sugerindo uma vigilância 24 horas.

⁴ Há mais de quatro décadas esse espaço existe na cidade de Altamira, mas somente recentemente passou por uma completa redefinição na sua infraestrutura.

Figura 01 - Mapa de localização das praças: “Glauco Meireles” e “Independência”.



Fonte: Miranda Neto e Mendes (2021)

Considerando a dinâmica observada no cotidiano desses espaços, é notória a assimilação de um padrão que, ao justificar as contradições urbanas, institui espaços com as características aqui problematizadas.

Em geral, cresce uma preocupação por sistemas de monitoramento 24 horas, grades, entre outros elementos igualmente ordenadores do espaço: “em nome de um vago ordenamento espacial, os espaços públicos são vigiados, controlados ou até mesmo vedados ao acesso de todos, em todo ou em parte do dia” (SOUZA, 2005, p. 06).

Souza (2005), ao realizar um estudo em Juiz de Fora- MG, ressaltou que o planejamento formal visa racionalizar a instituição dos espaços públicos, repercutindo diretamente no modo com que a população estabelece relação, entre si e com os espaços. Nos espaços analisados em Altamira, esse padrão se manifesta na lógica da produção do espaço. Como sinalizou Lefebvre (1974), as linhas retas dos tecnocratas impõem ao espaço um padrão, uma racionalidade a ser seguida.

Em suma, similarmente ao estudo de Souza (2005) e Ferreira (2005), foi constatado nas duas praças de Altamira-PA que estas são mais locais de passagem, do que de interação. O encontro casual não se constitui como parte dessa programação, que está diretamente vinculada à racionalidade única de cada espaço. Esse modo de conceber o espaço não privilegia o conteúdo da ordem vivida, a efemeridade do cotidiano, evidenciando que um lazer encarcerado favorece “espaços

de desencontros”. Daí, a importância de considerarmos as práticas insurgentes, cotidianamente estabelecidas pelos sujeitos, como sublinha Santos (2000).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade das duas praças públicas de Altamira-PA analisadas, ajudam-nos a compreender as contradições presentes quando da produção do espaço urbano na lógica capitalista. De modo geral, os resquícios de uma concepção homogênea e hegemônica de espaços públicos e seus respectivos usos prevalecem no contexto estudado. Essa perspectiva racionalizadora acaba instituindo um padrão de espaço público de lazer que, ao atomizar as relações sociais, favorece o que aqui denominamos espaços de desencontros.

Esses desencontros manifestam-se na medida em que o espaço incorpora e reproduz padrões estigmatizados, ao que se verifica uma espécie de mimetização das formas-conteúdo cujo sentido reside na incorporação de um modelo de lazer que só é possível em espaços como os de condomínios fechados ou clubes privados.

No caso de Altamira, os resultados da pesquisa de campo evidenciaram características que caminham nesse sentido. Assim, o aparato de controle e reificação distanciam o espaço da sua finalidade pública, que é favorecer encontros plenos: mesmo reconhecendo que no plano do vivido, os sujeitos se apropriam desses locais e estabelecem relações não institucionalizadas.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani A. *A condição espacial*. São Paulo: Contexto, 157 p., 2011.

FERREIRA, M. I. C. *Encontros e desencontros de moradores da favela no espaço social segregado: um estudo sobre as relações sociais cotidianas nos espaços privatizados*. R. B. estudos urbanos e regionais, v. 7, n. 2, p (09-26), 2005. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/142/126>>. Acesso em: 05/02/2021.

LEFEBVRE, H. La producción del espacio. *Revista de sociologia*, v.3, núm. 3, p. (219-229), 1974. Disponível em: <https://papers.uab.cat/article/view/v3-lefebvre/pdf-es>>. Acesso em: 15/03/2020

_____. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

SANTOS, M. *Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método*. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo: AGB, 1977, p. 81- 99. Disponível em: <https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/1092>>. Acesso em:07/05/2020.

_____.Lazer popular e geração de emprego. In: SESC/WLRA. *Lazer numa sociedade globalizada*. São Paulo: SESC/WLRA, 2000.

SOUZA, M. J. N. de. Encontros e desencontros: sentidos dos espaços públicos contemporâneos. *XI Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional -ANPUR*. Salvador, p. (01-21), 2005. Disponível em: <http://www.xienanpur.ufba.br/622.pdf>>. Acesso em 15/12/2020.